

**ACORDA PRA
VIDA,
CHLOE
BROWN**

TALIA HIBBERT

ACORDA PRA
VIDA,
CHLOE
BROWN

Tradução
LÍGIA AZEVEDO

PA
PB
1B
1B

Copyright © 2019 by Talia Hibbert

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Get a Life, Chloe Brown

CAPA E ILUSTRAÇÃO DE CAPA Ashley Caswell

PREPARAÇÃO Juliana de A. Rodrigues

REVISÃO Marise Leal e Renata Lopes Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hibbert, Talia

Acorda pra vida, Chloe Brown / Talia Hibbert ; tradução Lígia Azevedo. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2021.

Título original: Get a Life, Chloe Brown

ISBN 978-85-8439-203-2

1. Ficção inglesa I. Título.

21-56175

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção : Literatura inglesa 823

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.editoraparalela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparalela.com.br

*Este livro é para minha mãe,
que fez o que foi preciso.*

Nota da autora

Esta história envolve o processo de cura depois de um relacionamento abusivo. Se esse é um assunto delicado para você, é bom que saiba disso de antemão. Espero ter tratado a questão, os personagens e você, leitor(a), com todo o cuidado.

Prólogo

Era uma vez uma mulher chamada Chloe Brown, e ela morreu.
Ou quase.

Aconteceu numa terça-feira à tarde, claro. Coisas perturbadoras pareciam sempre acontecer às terças-feiras. Chloe suspeitava que aquele dia da semana era amaldiçoado, mas até então só havia manifestado suas suspeitas em alguns fóruns de internet — e com Dani, a mais esquisita de suas irmãs mais novas e muito esquisitas. Dani havia dito a Chloe que ela estava maluca e que devia tentar pensar positivo para se livrar de toda aquela energia negativa em relação a um dia da semana.

De modo que, quando Chloe ouviu gritos e pneus cantando, olhou para a direita e deparou com um Range Rover branco e brilhante vindo direto na sua direção; a primeira coisa que lhe veio à cabeça, ainda que ridícula, foi: *Vou morrer numa terça-feira e Dani vai ter que admitir que eu estava certa o tempo todo.*

Mas, no fim, Chloe não morreu. Nem ficou terrivelmente machucada — o que foi um alívio, porque ela já passava tempo bastante em hospitais. O Range Rover passou voando por ela e bateu na lateral de um café. A batida de frente da motorista embriagada contra uma parede de tijolos não foi uma batida de frente contra uma Chloe de carne e osso por menos de um metro. O metal amassou como papel. A senhora de meia-idade que estava ao volante foi de encontro ao airbag, que fez seu cabelo loiro, ondulado e na altura do queixo balançar. Curiosos se aglomeraram e houve gritos pedindo que chamassem uma ambulância.

Chloe só ficou olhando e olhando e olhando.

As pessoas passavam, o relógio avançava, e ela mal notava. Sua mente era inundada por dados irrelevantes, como se sua cabeça fosse a lixeira do computador. Chloe se perguntava quanto ia sair o concerto do café. Ela se perguntava se o seguro ia cobrir tudo, ou se a própria motorista teria que pagar. Ela se perguntava quem tinha cortado o cabelo da motorista, porque estava ótimo. Mantinha o estilo e a elegância mesmo enquanto era retirada do carro e posta em uma maca.

Até que um homem tocou o ombro de Chloe e perguntou: “Você está bem, jovem?”.

Ela se virou e viu um socorrista com um rosto simpático e cheio de rugas, usando um turbante preto. “Acho que estou em estado de choque”, Chloe disse. “Posso comer um chocolate? Da Green & Black’s. O com flor de sal é meu preferido, mas o que tem oitenta e cinco por cento de chocolate amargo deve ser melhor para a saúde.”

O socorrista riu, pôs um cobertor nos ombros dela e disse: “Serve um chá, sua majestade?”.

“Sim, por favor.” Chloe o seguiu na direção da traseira da ambulância. No caminho, ela se deu conta de que tremia tanto que ficava difícil andar. Com a habilidade desenvolvida por anos vivendo em um corpo altamente temperamental, ela cerrou os dentes e se forçou a avançar um pé depois do outro.

Quando finalmente chegaram à ambulância, Chloe se sentou com todo o cuidado, para não desmaiar. Se isso acontecesse, o socorrista começaria a fazer perguntas. Depois talvez decidisse dar uma olhada nela. Então Chloe teria que lhe contar todas as suas pequenas peculiaridades e explicar que não eram motivo de preocupação, e ambos perderiam o dia todo naquilo. Adotando um tom de voz firme que dizia “sou uma pessoa muito saudável e estou totalmente no controle”, Chloe perguntou, bruscamente: “Ela vai ficar bem?”.

“A motorista? Vai, sim. Não se preocupe com isso.”

Músculos que ela nem sabia que estavam tensos de repente relaxaram.

No fim, depois de duas xícaras de chá e algumas perguntas da polícia, Chloe pôde concluir sua caminhada da terça-feira à tarde. Ela não teve nenhuma outra experiência de proximidade com a morte, o que foi excelente, caso contrário provavelmente teria feito algo constrangedor, como chorar.

Chloe entrou em casa pela ala norte e seguiu com discrição até a cozinha, atrás de um lanchinho fortificante. O que encontrou, no entanto, foi sua avó Gigi, claramente esperando por ela. Gigi se virou, e seu robe violeta que ia até o chão a seguiu — aquele que Chloe havia lhe dado alguns meses antes, em seu quarto (ou seria quinto?) aniversário de setenta anos.

“Querida”, ela disse, com um arquejo, os tamancos de salto fino e baixo ressoando contra o piso. “Você parece tão... enfermiça.” Vindo de Gigi, que era ao mesmo tempo uma avó preocupada e uma lenda do ragtime dolorosamente bonita, era um comentário pesado. “Onde você estava? Faz séculos que saiu, e não atende o celular. Fiquei tão preocupada.”

“Ah, nossa, desculpa.” Fazia horas que Chloe havia saído para uma de suas caminhadas irregularmente programadas — *programadas* porque sua fisioterapeuta insistia que as fizesse, e *irregulares* porque seu corpo cronicamente doente com frequência vetava as coisas. Em geral, ela voltava em meia hora, então não era surpresa que Gigi tivesse entrado em pânico. “Você não ligou pros meus pais, né?”

“É claro que não. Imaginei que, se você tivesse passado por uma oscilação, ia logo se recuperar e pedir a alguém que chamasse um táxi para voltar para casa.”

Uma *oscilação* era o termo delicado que Gigi usava para quando o corpo de Chloe simplesmente desistia de viver. “Não tive uma oscilação. Estou me sentindo muito bem, na verdade.” *Neste momento, pelo menos.* “Mas houve um... acidente de carro.”

Gigi ficou tensa, mas se sentou à ilha de mármore da cozinha com toda a graciosidade. “Você se machucou?”

“Não. Uma mulher bateu o carro na minha frente. Foi bem intenso. Fiquei tomando chá em um copinho de isopor.”

Gigi voltou para Chloe seus olhos felinos pelos quais os reles mortais costumavam se apaixonar. “Quer um alprazolam, querida?”

“Ah, melhor não. Não sei como reagiria com a minha medicação.”

“Claro, claro. Ah! Já sei. Vou ligar para o Jeremy e dizer que é uma emergência.” Jeremy era o terapeuta de Gigi. Ela não *precisava* de terapia no sentido estrito da palavra, mas gostava de Jeremy e acreditava em prevenção.

Chloe piscou. “Acho que não tem necessidade.”

“Discordo”, Gigi disse. “Terapia é sempre necessário.” Ela pegou o telefone, fez a ligação e flanou até o outro lado da cozinha. Seus tamancos batiam contra o piso de novo quando ela ronronou: “Jeremy, querido! Como você está? E Cassandra?”.

Eram barulhos perfeitamente comuns. No entanto, sem aviso, foram o gatilho de algo catastrófico na mente de Chloe.

O *clic-clic-clic* dos sapatos se juntou ao *tic-tic-tic* do enorme relógio na parede da cozinha. O som ficou impossivelmente alto, estranhamente caótico, até parecer que um monte de pedras havia desmoronado na cabeça de Chloe. Ela fechou os olhos com força — mas o que eles tinham a ver com sua audição? Na escuridão que havia criado, uma lembrança surgiu: aquele cabelo curto, loiro e ondulado balançando. O modo como ainda parecia macio e brilhante contra o couro preto da maca.

Embriagada, o socorrista simpático havia dito, baixo. Era o que suspeitavam. A mulher havia se embebedado no meio da tarde, subido na calçada e batido contra uma parede. E Chloe...

Chloe estivera bem ali. Porque andava sempre no mesmo horário, para não interromper sua rotina de trabalho. Porque sempre fazia o mesmo trajeto, para ser mais eficiente. Chloe estivera *bem ali*.

Ela estava quente demais, suando. Tonta. Precisava se sentar agora, ou cairia e sua cabeça ia se quebrar como um ovo ao atingir o piso de mármore. Do nada, Chloe se lembrou de sua mãe dizendo: *Deveríamos trocar o piso. Os desmaios estão fora de controle. Ela vai se machucar.*

Mas Chloe insistira que não havia necessidade. Ela prometera ser cuidadosa, e certamente mantinha a promessa. Devagar, devagar, Chloe escorregou para o chão. Apoiou as mãos úmidas no piso gelado. Inspirou. Expirou. Inspirou.

Expirou, e seu sussurro saiu como vidro quebrando: “Se eu morresse hoje, o que meu obituário diria?”.

Essa mulher incrivelmente entediante não tinha nenhum amigo, não viajava havia uma década apesar das inúmeras oportunidades, gostava de escrever códigos de programação aos fins de semana e nunca fazia nada que não estivesse previsto na agenda. Não chore por ela, que está em um lugar melhor agora. O céu não pode ser tão chato assim.

Era o que obituário dela diria. Talvez alguém especialmente cortante e desagradável, como Piers Morgan, o lesse no rádio.

“Chloe?”, Gigi a chamou. “Onde você...? Ah, aí está você. Tudo bem?”

Deitada no chão, tragando ar como um peixe à beira da morte, Chloe disse, animada: “Tudo, obrigada”.

“Hum”, Gigi murmurou, parecendo em dúvida, mas não preocupada demais. “Acho que vou pedir para Jeremy ligar depois. Jeremy, querido, será que pode...?” Sua voz foi diminuindo conforme ela se afastava.

Chloe descansou a bochecha quente contra o piso frio e tentou não acrescentar mais insultos a seu obituário imaginário. Se estivesse em um musical brega — do tipo que sua irmã mais nova, Eve, adorava —, aquele seria o momento em que ela chegava ao fundo do poço. Chloe estaria a poucas cenas, a uma música inspiradora sobre determinação e acreditar em si mesmo, de uma epifania. Talvez ela devesse seguir o exemplo daqueles musicais.

“Com licença, universo”, ela sussurrou para o piso da cozinha. “Quando você quase me matou hoje, o que foi meio pesado, aliás, mas até respeito isso, estava tentando me dizer alguma coisa?”

O universo, de maneira muito enigmática, não respondeu.

Infelizmente, outra pessoa falou.

“Chloe!” A mãe dela quase gritara à porta. “O que está fazendo no chão?! Está doente? Garnet, sai do telefone e corre pra cá! Sua neta está mal!”

Ai, ai. Vendo que seu momento de comunhão com o universo tinha sido interrompido de forma rude, Chloe se ergueu para sentar. Estranhamente, já se sentia muito melhor. Talvez porque tivesse reconhecido e aceitado a mensagem do universo.

Estava claro que era hora de acordar pra vida.

“Não, não, minha querida, não se mova.” O rosto com uma ótima estrutura óssea de Joy Matalon-Brown estava marcado pelo pânico quando ela deu a ordem, nervosa e pálida, apesar da pele bronzeada. Era uma visão familiar. A mãe de Chloe administrava um escritório de advocacia de sucesso com a irmã gêmea Mary, levava a vida com quase tanta lógica e cuidado quanto Chloe e passara anos aprendendo os sintomas e mecanismos de enfrentamento da filha. Ainda assim, ia para o modo pânico total ao menor sinal de enfermidade ou desconforto. Sinceramente, era exaustivo.

“Não fique em cima de Chloe, Joy. Você sabe que ela não aguenta.”

“Então devo ignorar o fato de que ela está deitada no chão, como um cadáver?”

Ai.

Enquanto a mãe e a avó trocavam farpas acima de sua cabeça, Chloe decidiu que a primeira mudança que faria em sua vida, por ordem do universo, seria de casa.

A gigantesca propriedade de sua família de repente lhe parecia um tanto apertada.